

Perspectivas da Paisagem: aproximações à realidade de Araguaína

Landscape Perspectives: approaches to the reality of Araguaína

*Elias da Silva*¹

 <https://orcid.org/0000-0003-4931-6746>


*Daiane de Souza Reis Coelho*²

 <https://orcid.org/0009-0007-9755-8324>

*Elaine de Silva Cordeiro*³

 <https://orcid.org/0009-0002-1357-9923>

*Rosângela Pereira da Silva*⁴

 <https://orcid.org/0009-0008-0894-2277>

*Guilherme Mendes Carneiro*⁵

 <https://orcid.org/0009-0004-8908-0736>

Resumo

Este trabalho apresenta o estudo da paisagem a partir de três perspectivas diferentes com base em correntes filosóficas: positivismo, fenomenologia e marxismo. Com o intuito de analisar esta categoria geográfica em diferentes pontos da cidade de Araguaína, foca em seus processos de formação, valores subjetivos e funcionalidade. A pesquisa foi desenvolvida ao longo da disciplina Teoria e Método em Geografia do curso de Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins, obedecendo a procedimentos como leituras teóricas, registros a campo. Foram realizadas pesquisas a campo a partir das observações, descrições e compreensões dos pontos abordados, pautados nos pressupostos teórico/metodológico. Finalmente foi feita a discussão dos dados levantados e a produção da versão final do texto. À luz dos métodos mencionados, faz o esforço de aproximação teoria nas distintas perspectivas, de forma a relacionar a paisagem às práticas da sociedade local em suas interações com o meio ambiente tanto de forma objetiva como subjetiva, em suas divergências e sintonia.

Palavras-Chave: Paisagem; Prática Sociais; Araguaína.

¹ Doutor em Geografia, Docente do Programa de Pós-graduação em Cultura e Território da UFNT, elias.silva@ufnt.edu.br

² Graduanda em Geografia, Universidade Federal do Norte do Tocantins, daiane.coelho@ufnt.edu.br

³ Graduanda em Geografia, Universidade Federal do Norte do Tocantins, elaine.cordeiro@ufnt.edu.br

⁴ Graduanda em Geografia, Universidade Federal do Norte do Tocantins, rozangela.silva@ufnt.edu.br

⁵ Graduando em Geografia, Universidade Federal do Norte do Tocantins, guilherme.carneiro@ufnt.edu.br

Abstract

This paper presents the study of landscape from three different perspectives based on philosophical currents: positivism, phenomenology and Marxism. With the aim of analyzing this geographic category in different points of the city of Araguaína, it focuses on its formation processes, subjective values and functionality. The research was developed throughout the discipline Theory and Method in Geography of the Geography course at the Federal University of Northern Tocantins, following procedures such as theoretical readings and field records. Field research was carried out based on observations, descriptions and understandings of the points addressed, based on theoretical/methodological assumptions. Finally, the data collected was discussed and the final version of the text was produced. In light of the methods mentioned, an effort is made to approximate theory from different perspectives, in order to relate the landscape to the practices of local society in its interactions with the environment both objectively and subjectively, in their divergences and harmony.

Keywords: Landscape; Social Practices; Araguaína.

Introdução

O presente texto versa sobre a paisagem no âmbito dos diferentes métodos de interpretação, quais sejam: positivismo, fenomenologia e marxismo, sob os quais esta categoria geográfica oferece interpretações diversas ou em diferentes perspectivas na composição da trajetória do pensamento e desenvolvimento da ciência geográfica.

O artigo foi produzido pelos discentes do 5º período do curso de Geografia da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), em coautoria com o professor Dr. Elias da Silva em relação direta com o processo ensino/aprendizagem, buscando a inserção em novas formas de abordagens e avaliações frente às novas metodologias que devem ser preconizadas na graduação de Licenciatura em Geografia preconizadas no próprio Projeto Pedagógico do Curso e visando a integração entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, o presente trabalho discute a categoria paisagem nas perspectivas metodológicas funcional, crítica e subjetiva, combinadas às tendências geográficas: quantitativa, crítica e humanista.

Como contexto de abrangência e justificativa da escolha dessa categoria para a abordagem, sabe-se que, ao longo da produção da ciência geográfica, a categoria paisagem foi coroada como uma das mais importantes, fomentando a base da produção do pensamento desta ciência em seu período tradicional e clássico, primordialmente, considerando que, mesmo após esse período, o chamado período de renovação, o crítico e o cultural, esta categoria foi estudada e discutida em novos aportes teóricos. De uma forma geral, considerando as duas escolas mães da Geografia – alemã e francesa – essa categoria foi valorizada nas produções, sejam na perspectiva de cunho mais naturalista, ou culturalista, o que ensejou perspectivas metodológicas diferentes: positivista, fenomenológica e marxista.

A metodologia da produção do trabalho seguiu diversos momentos e procedimentos metodológicos, quais sejam: o embasamento teórico/metodológico nos autores Triviños (1987), na

reflexão dos métodos positivismo, fenomenologia e marxismo; Moraes (1991), que aborda a paisagem sob o positivismo nas perspectivas morfológica e fisiológica; Corrêa (1995), na sua reflexão sob o espaço como conceito chave da geografia, verificando em particular suas afirmações sobre a paisagem nos diversos métodos; Gomes (1996), na visão humanista da paisagem; Santos (2006), que traz sua reflexão no campo epistemológico colocando a paisagem como componente material da natureza do espaço; Silveira (2009), no estudo da Companhia Industrial da Médio Bacia Amazônica (CIMBA), como resgate do processo industrial de Araguaína, na perspectiva crítica; Silva (2014), na abordagem sobre a configuração territorial urbana de Araguaína, cuja análise pode ser associada a uma “colcha de retalhos”, considerando que a cidade tem se constituído no território de forma aleatória ao longo de sua história.

Foram feitas pesquisas a campo nos locais: Parque Cimba, a nascente Baixa Funda, ao lado do Detran de Araguaína e o próprio Campus Universitário da UFNT/Araguaína na intenção de aproximar o campo empírico no sentido de análise teoria e prática.

Associado ao arcabouço teórico/metodológico, os trabalhos a campo tiveram a proposição de estudar e refletir sobre a paisagem nas perspectivas funcionalista fisiológica e morfológica; na perspectiva da subjetividade fenomenológica e na perspectiva crítico/social. A paisagem no interior do Campus da UFNT é observada em situações como casais de corujas em seus ninhos e comportamentos, situações envolvendo a arquitetura do projeto e construção dos prédios da UFNT, especialmente o “Bloco G” e no âmbito da subjetividade. No trabalho a campo de visita à Companhia Industrial da Média Bacia Amazônica, foram observadas as ruínas dessa antiga companhia industrial no recinto do Parque Cimba como forma de testemunho de processos socioespaciais que ajudam a compreender a atual ordem socioespacial de Araguaína (Silveira, 2009).

A paisagem como tema central deste trabalho é apresentada, finalmente, como inspiração poética, num poema com três estrofes compostas de seis versos cada em ilustração às três tendências da paisagem em Geografia, ou seja: como a dimensão limitada do olhar, portanto, morfológica e fisiológica; como aparência que só se explica mediante o desvendamento dos processos socioespaciais; e como dimensão introspectiva e subjetiva individual, corroborando à ideia de que existem tantos mundos quantos sejam os sujeitos.

As seções seguintes seguem as reflexões produzidas em torno da categoria paisagem.

Paisagem sob a perspectiva funcionalista

Ao abordar o conceito de espaço, Corrêa (1995), em seu livro *Geografia: conceitos e temas*, aponta, entre outras concepções, a de planície isotrópica, que remete a um espaço composto por uma densidade em relação às suas características, sejam no plano físico como no humano, socioeconômico, político cultural, porém, isso segundo o autor, está associado às concepções do pesquisador no âmbito do espaço relativo. Como as palavras do autor a seguir, há uma prevalência do fator econômico na base

dessa concepção de espaço, mas que, mesmo assim não prescinde da noção de paisagem neopositivista quando se parte de uma materialidade em todos os âmbitos.

Admite-se como ponto de partida uma superfície uniforme tanto no que se refere à geomorfologia como ao clima e à cobertura vegetal, assim como à sua ocupação humana: há uma densidade demográfica, de renda e de padrão cultural que se caracteriza, entre outros aspectos, pela adoção de uma racionalidade econômica fundada na minimização dos gastos e maximização dos lucros ou da satisfação. (Corrêa, 1995. p.20-21)

Na Geografia quantitativa ou funcionalista, a paisagem está intimamente ligada à artificialidade e à homogeneidade produzida pela técnica, não considerando a historicidade, ou mesmo à beleza de cunho natural; a paisagem será, geralmente, o resultado de algum projeto hegemônico do campo economicista. Do ponto de vista prático funcional, a modernização que acontece na cidade, a exemplo de Araguaína, cidade de médio porte situada no norte do estado do Tocantins, se aplica à ideia da planície isotrópica representada pela matriz XY em que o X se aplica à dimensão espacial de adensamento da produção e Y se aplica à ideia da produção e produtividade, podendo ser aproximada uma área urbana, a uma rede urbana, à produção do agronegócio, da indústria e assim por diante.

A título de ilustração, apresentamos a Figura 1 correspondente à imagem de uma canalização da nascente Baixa Funda, ao lado do Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN) de Araguaína. Posteriormente, seguem duas pistas de rodagem para veículos que chegarão à Via Lago já construída, integrando a parte leste da cidade ao Shopping Center na parte sul. Em outros termos, temos uma paisagem funcional do ponto de vista integração econômica da cidade.

Figura 1: Projeto viário no curso da nascente Baixa Funda que ligará o Detran à Via Lago



Fonte: Autores (2023)

Partindo da ideia positivista de que: “o positivismo é um estado sobre o útil ao invés do ocioso” (Triviños, 1987, p. 35), verifica-se que é exatamente o que ocorre nesta imagem na área visitada da nascente Baixa Funda. A imagem da paisagem demonstra um pequeno curso d’água que sugere aos planejadores urbanos que interferem com seus projetos de intervenção no espaço da cidade um curso viável para um grande projeto viário, no interesse da produção de uma cidade funcional.

Vale afirmar que, por muito tempo, a área em questão não recebeu os investimentos necessários e atualmente isso se mostra um problema, visto que, hoje em dia há vários grandes empreendimentos próximo ao local como é o caso do DETRAN, aglutinador de fluxos de veículos automotivos. Diante disso, a prefeitura, a fim de tornar o espaço útil, ou funcional à economia, está com esse projeto já em execução, sendo considerada uma grande obra de mobilidade urbana.

O propósito de tal ação é a construção de uma avenida que tornará o acesso ao centro da cidade mais rápido para as pessoas que residem em alguns bairros mais afastados, mas, sobretudo considerando o traçado urbano aleatório de Araguaína, influenciado por três aspectos que aqui devem ser mencionados, quais sejam: o sítio urbano numa área de nascentes ligadas à Área de Preservação das Nascentes de Araguaína – APANA, criada em outubro de 1996; o histórico de ocupação da terra ligado no passado às terras devolutas. Esses dois fatores associam-se ao longo da história a uma ausência do Estado que sugere certo desinteresse em benefício muito mais aos grandes latifundiários urbanos (Silva, 2014).

A paisagem sob a perspectiva crítica

A sociedade é dinâmica e está em constante transformação, o que também se reflete nas formas geográficas. Esses movimentos sociais atribuem novas funções e essas formas, o que acaba por modificar a organização do espaço. Assim como afirma Santos,

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento. Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas - tornadas assim formas-conteúdo - podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço. (Santos 2005, p. 69)

Do ponto de vista marxista, a paisagem deve ser analisada como aparência das formas, ou seja, o visual não se explica em si mesmo, mas oferece a imagem, com base na qual, se busca conhecer o fenômeno pelo processo. O marxismo estuda o materialismo dialético, que é a mudança da matéria, considerando que o mundo está sempre em evolução, tudo que está em volta se transforma, quer se trate de coisas visíveis ou não. O marxismo tem a matéria como a força maior trazendo a consciência das coisas para si. O materialismo dialético é a base filosófica do marxismo que busca explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento (Triviños, 1987).

Em uma aproximação com Triviños (1987), a paisagem não se explica por si só, pois, tal como é conhecida hoje, guarda vários processos, esses sendo naturais ou a partir de ações antrópicas, tendo esta última exemplo empírico neste trabalho. Falando sobre paisagem como resultado da matéria em transformação, citamos o Parque Urbano Ecológico Cimba, situado na cidade de Araguaína.

A cidade, no geral, é permeada por corpos d'água, o que levou uma indústria a se instalar ali, próxima a um riacho com o mesmo nome, considerando a necessidade de gerar energia elétrica e água para o seu funcionamento a partir de uma pequena hidrelétrica, considerando que no período a cidade e região ainda não dispunham de abastecimento de água, nem de energia de forma satisfatória a uma indústria de tal porte.

Durante a disciplina numa pesquisa a campo realizada no local, foi observado que houve um processo de transformação da paisagem anterior, chegando à indústria e sua produção, propriamente dita e até as ruínas que estão no local atualmente, transformadas em rugosidades das formas espaços (Santos, 2006). O processo de mudança no ambiente se deu principalmente pela ocupação urbana da área. O visual do lugar foi transformado mudando também a sua essência, atualmente fazendo parte do Parque Cimba. Quando Marx afirma que a matéria é anterior à consciência, é notável essa situação, pois antes que se tivesse consciência do lugar onde hoje está situado, o local já existia. Igualmente, quando o autor afirma que a realidade se desenvolve gradualmente, é possível ver claramente que a realidade do Parque Cimba foi desenvolvida dessa forma, gradativamente, portanto, processualmente.

A fábrica Dirce S/A, instalada em Araguaína na década de 1950, produzia óleo e cosméticos a partir da amêndoa do babaçu. A matéria-prima era obtida na própria localidade, no passado, rica em babaçuais, através da produção das quebradeiras de coco. No decênio seguinte, já sob controle dos irmãos Boa Sorte, a planta fabril foi ampliada, aumentando a produção de óleo e, inclusive, iniciando a produção de sabão de coco babaçu. O resultado foi um rápido aumento da demanda pela amêndoa, contudo o estabelecimento das fazendas de gado no município repercutia na destruição dos cocais. Os pecuaristas, alegando que os babaçuais se espalhavam muito e que, com sua sombra, impediam o desenvolvimento dos pastos, derrubavam as palmeiras queimando suas raízes. (Silveira, 2009, p. 124)

A Companhia Industrial e Mercantil da Bacia Amazônica (CIMBA) contava com múltiplas atividades das quais destacava-se o refinamento e envasamento do óleo do coco babaçu e a produção de sabão. Após anos de atividades, a indústria fechou as portas. Com isso e com a falta de planejamento urbano da cidade, o local passou a servir como um depósito de lixo por muitos anos. Com o crescimento urbano, porém, o local se tornou uma área central da cidade, havendo assim a necessidade da intervenção das autoridades responsáveis. Diante disso, foi criado o Parque Cimba, espaço que conta com uma área verde, trilhas para caminhadas, equipamentos para exercícios físicos, sombra de árvores que abrigam pessoas que se dedicam à leitura, encontros, piqueniques etc. Se, por um lado, o Parque contém estes itens de composição estrutural, por outro lado faltam outros itens de necessidade como área de alimentação, banheiros proteção às ruínas dos prédios da fábrica Cimba, que impeça aos visitantes

chegarem debaixo das paredes e vigas das instalações (Figura 2) e, assim, evitar que venham a acontecer acidentes fatais ou não, com os usuários.

Figura 2: Ruínas fábrica Cimba, localizada Parque que leva o mesmo nome



Fonte: Autores (2023)

A modificação do cenário de vários lugares está em constante transformação, sobretudo em Araguaína, que passa por um recente processo acelerado de alteração da paisagem, reverberada pela modernização territorial e econômica do campo. A esse respeito, consideremos que “A consciência é uma propriedade da matéria viva, a mais altamente organizada que existe na natureza, a do cérebro humano” (Triviños 1987, p. 62). Nesse sentido, no âmbito da paisagem sob perspectiva marxista, observando o ponto da cratera da Baixa Funda (Figura 1), próxima à avenida Filadélfia, foi possível observar o que se tornou motivo de piada na cidade de Araguaína por vários anos. O ponto referido é uma cratera que se formou no local devido à falta de um planejamento adequado, resultado do processo de crescimento da cidade de forma aleatória, tudo isso sem levar em consideração os prejuízos causados ao meio ambiente, especialmente ao curso de água da nascente denominada Baixa Funda. Apesar do crescimento econômico da cidade, as últimas gestões de gestores municipais não demonstraram real interesse em resolver o problema, já que, como vimos no item da paisagem sob compreensão positivista, será mais uma via sobre o leito do córrego, priorizado a aspecto da funcionalidade dos carros em detrimento da qualidade ambiental.

Foi possível observar também, numa visão funcionalista da paisagem, como a gestão da cidade traz valores da visão hegemônica do planejamento, segundo a qual a natureza se torna empecilho, na medida em que os fluxos d'água precisam ficar escondidos, ou seja, trata-se de um projeto que não se preocupa com as condições físicas e climáticas, as condições do relevo com a vegetação que deveria ser mantida às margens do curso d'água. O crescimento de Araguaína vai sendo, assim, feito aleatoriamente, sem ter um sistema de urbanização planejado, causando assim vários transtornos no cotidiano, além de aspectos de tempo e clima, em se tratando do período chuvoso.

Dessa forma, é feita uma maquiagem na cidade em razão do processo de crescimento aleatório, sendo assim uma paisagem do ponto de vista crítico em que o curso d'água é utilizado para a construção de uma via de tráfego rápido, sendo essa uma maneira funcional e positivista. Nessa perspectiva, não é tarefa da ciência buscar as causas dos fatos, sejam elas primeiras ou finais, mas crer de forma demasiado na capacidade do conhecer do ser humano; uma visão a-histórica de imagem apenas atual dos fenômenos, desmerecendo quaisquer processos que os desvendem, portanto prevalente da força intelectual do homem em sua razão apenas (Triviños, 1987).

Em contrapartida, o ponto de vista crítico está na forma de como a produção deve ser buscada com equilíbrio entre a sociedade e a natureza. Dessa forma, o processo está na premissa da ordem socioespacial, tendo a paisagem como a primeira impressão ou aparência dos fatos, a partir da qual se faz necessário a busca da essência.

Finalmente definido como ação que se realiza, via de regra, de modo contínuo, visando o resultado qualquer, implicando tempo e mudança. Os processos ocorrem no âmbito de uma estrutura social e econômica e resultam das contradições das mesmas (Corrêa, 1995, p.29)

Visto que não houve um planejamento para o crescimento da cidade, a mesma se expandiu de forma desordenada, ocupando algumas áreas de formas irregulares, que hoje se revelam como problema para a mobilidade urbana. Com isso, o impacto na aparência ou na configuração territorial é explicitamente notável (Silva, 2014).

Uma solução encontrada pelo Estado foi canalizar pequenos córregos, a fim de melhorar o trânsito, a exemplo da situação encontrada na nascente Baixa Funda, cuja nova via será mais um acesso rápido entre o centro e bairros, complementando um pouco mais a malha viária da cidade, já que a demanda de crescimento ao que tudo indica, exigirá outras futuras vias de escoamento do trânsito. A criação da Via Norte, ainda em fase de expansão, é outro exemplo de projeto emergencial causador de impactos ambientais razoáveis sob corpos de água anteriormente existentes que atualmente vão sumindo no bojo de transformação da paisagem.

Dessa forma, há uma grande conjunção de processos que resultam na transformação da aparência da cidade. Assim como afirma Moraes (2005, p. 23), "A paisagem, posta como objeto específico da geografia, é vista como associações de múltiplos fenômenos". Enfim, estudar a paisagem

sob a ótica marxista é colocar a paisagem como o fenômeno aparente cujo desvendamento precisa do desvendamento do processo.

A paisagem sob a perspectiva subjetiva

A geografia humanista tem como objetivo compreender as relações entre o homem e o espaço, considerando as emoções, as ideias e as experiências do grupo ou povo sobre determinado lugar. Nesse sentido, o estudo do espaço da geografia humanista vai além da análise da dimensão física do ambiente, buscando compreender a relação afetiva e cultural que os indivíduos estabelecem com esse espaço. Assim como afirma Tuan (*apud* Corrêa 1995, p. 30): “No estudo do espaço no âmbito da geografia humanista consideram-se os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência”.

Os sentimentos espaciais referem-se à maneira como as pessoas percebem e se relacionam com o espaço. São paixões como o amor, o medo, a angústia ou a alegria que são despertados a partir da experiência de estar numa determinada paisagem. Esses sentimentos podem ser influenciados por diversos fatores, como a arquitetura, fragmentos de antigas construções e rugosidades (Santos, 2005) e a presença de determinados elementos culturais, entre outros.

Em nossa experiência, pesquisando a paisagem do *Campus* da UFNT nesta perspectiva, com base em nossas apreensões de ordem sensível, verificamos a possibilidade de os alunos, ao passarem pelo local sentirem uma sensação de insegurança, como se a qualquer momento fossem cair, devido a um nivelamento feito no terreno para a construção do bloco G, chegando a mais de 2 metros em relação à pista de acesso ao Bloco H onde acontecem as aulas (Figura 3). Essa observação, do ponto de vista fenomenológico, coloca a questão da paisagem como ente fundamental ao planejamento do espaço arquitetônico do Campus, cujo local vivenciado deveria ter uma grade de proteção. Semelhante reflexão pode ser estendida ao espaço arquitetônico da cidade de Araguaína.

Figura 3: Desnível do terreno ao lado do Bloco G da UFNT como insegurança



Fonte: Carneiro. Et al. (2023)

Nesse sentido, apreendemos que os sentimentos espaciais no âmbito da paisagem são objetivos e subjetivos, pois são influenciados também pela história e pela cultura do lugar. Ressaltamos que cultura local tem um papel importante na construção dos sentimentos espaciais com base na paisagem que pode ser abordada (i)materialmente: uma fachada, uma foto, a lembrança de uma paisagem vivenciada outrora guardadora de identidades, etc. Um povo que vive em contato com o mar pode ter uma relação afetiva mais forte com o mar do que um povo que vive no interior. As ideias sobre o espaço referem-se às crenças e às representações culturais que os indivíduos têm sobre o ambiente. As expressões culturais são importantes para a construção da identidade de um grupo ou povo e têm relação direta com a maneira como esse grupo ou povo se relaciona com o espaço.

Desse modo, as ideias sobre o espaço são importantes para compreender a relação entre o homem e o ambiente, uma vez que elas revelam a maneira como esse relacionamento é construído em termos simbólicos e culturais. A partir das emoções e das ideias sobre o espaço, é possível compreender a experiência que os indivíduos têm em determinado lugar. Essa experiência não é apenas física, mas também cultural e emocional, portanto, (i)material. Ela é influenciada pelas percepções, pelas crenças e pelos valores que os indivíduos têm sobre o ambiente e por sua relação histórica com esse espaço que é muito mais simbólico que material, por isso, mais qualitativo que quantitativo.

A geografia humanista não se limita à análise das características físicas do ambiente, pois busca compreender a maneira como essas características são percebidas e valorizadas pelos indivíduos. Assim, a análise dos sentimentos espaciais e das ideias sobre o espaço pode fornecer informações relevantes sobre a relação entre os indivíduos e o ambiente, permitindo uma visão mais ampla e mais humana do mundo que nos cerca. Para isso, é preciso compreender o espaço não apenas como uma dimensão física e objetiva, mas como um elemento cultural, emocional e simbólico, fundamental para a construção da identidade dos grupos e povos que o habitam.

A relação do sujeito com o prático-inerte inclui a relação com o espaço. O prático-inerte é uma expressão introduzida por Sartre, para significar as cristalizações da experiência passada, do indivíduo e da sociedade, corporificadas em formas sociais e, também, em configurações espaciais e paisagens. Indo além do ensinamento de Sartre, podemos dizer que o espaço, pelas suas formas geográficas materiais, é a expressão mais acabada do prático-inerte. (Santos, 2005, p. 215)

O diálogo com Gomes (1996) corrobora a reflexão da paisagem fenomenológica:

De maneira análoga, na geografia, a paisagem, a região, e os lugares, a despeito de suas características físicas, apreendidas imediatamente, são de fato, estruturadas por uma rede simbólica complexa. esta rede é composta de valores, de representações de imagens espaciais vividas, e para ser percebida, demanda um trabalho de interpretação aprofundado. (Gomes, 1996, p. 322)

A reflexão a partir do parágrafo citado nos leva a compreender que a geografia vai além de uma mera observação das características físicas do ambiente, na medida em que nos convida a considerar a importância de uma abordagem multidisciplinar na geografia, integrando aspectos culturais, históricos

e sociais, além dos aspectos físicos, para uma compreensão mais profunda e holística do espaço geográfico.

Expandido nossos diálogos com autores da geografia humanista, não poderíamos deixar de citar Tuan (1983), e algumas de suas abordagens relacionadas a fenomenologia.

Tuan argumenta que a experiência pessoal é fundamental na formação da compreensão do ambiente. Ele ressalta que a maneira como as pessoas percebem o espaço é altamente influenciada por suas experiências sensoriais, emocionais e culturais. Essa perspectiva coloca o indivíduo no centro da investigação geográfica. Tuan vê o espaço como uma construção subjetiva. Em outras palavras, as pessoas não apenas veem ou medem o espaço, mas o vivenciam. Isso implica que a percepção do espaço varia de pessoa para pessoa e é moldada por uma miríade de fatores, incluindo cultura, memória e emoção. Percebe-se com o autor que o corpo humano e o movimento são aspectos essenciais da experiência do espaço, de acordo como nos movemos e interagimos com o ambiente físico isso influencia profundamente nossa compreensão e conexão com o espaço. O autor cunhou os termos topofilia e topofobia para descrever o amor e o medo dos lugares, respectivamente. Ele explora como o ambiente, destacando como os lugares podem evocar emoções profundas e significativas, vemos que a abordagem fenomenológica oferece uma visão única e profundamente humanizada do mundo que habitamos.

A experiência da pesquisa no Campus da UFNT/Araguaína embora de foco subjetivo, mostrou, por parte dos acadêmicos, também como essa percepção subjetiva deve estar presente no planejamento, considerando que há a necessidade da instalação de uma grade de proteção ao longo da pista de trajeto de pedestres, que dá acesso ao bloco H, onde estão as salas de aula, sobretudo no período noturno, para evitar qualquer situação de acidente com pedestres venha a acontecer. Essa situação verificada permite afirmar da falta de sensibilidade dos planejadores, mesmo em se tratando de um prédio de universidade federal. Pensando na ideia de pertencimento, tal situação poderia ser motivo para uma mobilização estudantil por meio de suas instâncias locais no sentido da resolução do problema.

Assim, a paisagem fenomenológica está repleta de subjetividades em vários aspectos como a arquitetura as combinações de cores, e até mesmo as inspirações de ordem poética na liberdade de criação imaginária, própria da complexidade humana na busca do bem-estar. Nesse sentido fechamos a reflexão sobre as diversas perspectivas da paisagem no âmbito poético procurando abranger as três perspectivas metodológicas da paisagem em geográficas apresentadas no texto.

A paisagem como inspiração poética

Abordamos, por fim, a paisagem como uma expressão e potencialidade poética nas três perspectivas geográficas trabalhadas, mediante três poema composto de três estrofes com seis versos cada, procurando demonstrar ao leitor as várias possibilidades de sensações pertinentes ao conhecimento a à alma humana, ou seja: a paisagem como valor objetivo e funcional das formas que a realidade

empírica oferece ao sujeito pelo olhar; a paisagem como realidade que ao se mostrar, não se explica por si só, mas necessita da essência processual e socioespacial como resposta ao fenômeno visualizado; e a paisagem como sentimentos e subjetividade, solipsismo do indivíduo, no mais puro e significativo dado sentimental.

Os versos no interior das estrofes no poema de nossa composição trazem a intenção de que o leitor perceba e compreenda as diversas definições de paisagem descrita elipticamente na forma poética, como fecho do estudo da paisagem nas tendências aqui trabalhadas. Os versos são de autoria de Elias Silva.

Paisagem

Paisagem: dimensão abarcada no olhar;
Paisagem: reúne tudo no mesmo lugar;
Paisagem: mistura elementos na mesma cena;
Paisagem: grande, média ou pequena;
Paisagem: tempo presente e tempo ausente;
Paisagem: configuração do território da gente.

Paisagem: o visível na essência da relação;
Paisagem: reúne elementos da degradação;
Paisagem: práticas sociais do poder;
Paisagem: aparente dimensão a se proteger;
Paisagem: cidade, como imagens do capital;
Paisagem: A crítica visão do mundo global.

Paisagem: uma foto, um mapa, uma figura;
Paisagem: uma planta, uma casa, uma aventura;
Paisagem: valor subjetivo do prazer;
Paisagem: imaginário do sujeito em seu ser;
Paisagem: mundo solipsista em essência;
Paisagem: cotidiano da complexa vivência.

A intenção na criação deste poema foi a aproximação à visão tradicional da paisagem, a visão crítica e a fenomenológica. Afirmamos que a paisagem tem sido tema recorrente na abordagem geográfica, desde a tradicional à multicultural atualmente. Assim, cuidar da paisagem significa cuidar do emocional, da saúde pública no campo da gestão espacial. Ela também deve ser devidamente explorada com relação à educação como um conceito polissêmico, a exemplo do território, espaço, lugar e região. A paisagem como poesia ultrapassa um entendimento simplório, o que significa afirmar que necessita de reflexões múltiplas e variadas em atendimento às demandas da vida cotidiana da sociedade. Portanto, é sempre uma temática em aberto.

Considerações finais

Revisitando aqui aspectos mais importantes deste trabalho em nossas considerações finais, começamos por afirmar que este artigo teve como objetivo geral estudar as categorias geográficas, com foco na paisagem sob as diferentes perspectivas metodológicas, através das pesquisas a campo no

decorrer da disciplina Teoria e Método em Geografia, em que a paisagem foi estudada e analisada na perspectiva metodológica positivista, fenomenológico e marxista.

Em três oportunidades diferentes, visitamos o parque Cimba, o próprio *Campus* da (UFNT), e a cratera referente à nascente Baixa Funda em que foi abordado o projeto de construção de uma via de escoamento do trajeto urbano às margens do curso d'água na perspectiva morfológica e fisiológica da paisagem funciona. Nas observações paisagísticas abordou-se aspectos históricos de cada ponto. Dessa forma, observamos que a cidade cresceu de forma irregular e sem planejamento acarretando um embate entre os moradores de determinadas áreas e a prefeitura, pois os moradores precisam ser retirados da área, situações que quase sempre acontecem sem respeitar efetivamente o direito dos moradores, sob a alegação do direito legal da propriedade privada sobrepondo o direito de posse ou moral.

Situação que aqui merece realce refere-se à pesquisa no local do canal aquático da nascente Baixa Funda observado sob as três perspectivas metodológica, quais sejam: a análise do projeto de construção de uma via de escoamento do trajeto urbano às margens da canalização do curso de água, analisada do ponto de vista funcional urbano, cujo projeto expõe máquinas escavando para o aplainamento da canalização do curso, numa obra de engenharia.

A cratera verificada no local, também denuncia, à luz da perspectiva crítica, o processo socioespacial urbano de Araguaína, marcado pelos impactos ambientais, fruto da ausência do Estado no planejamento ambiental urbano com equilibrado, agravado pela emergência do lucro pelos agentes latifundiários urbanos.

Quanto à perspectiva fenomenológica, em relação às impressões subjetivas dos acadêmicos da pesquisa a campo, a observação da dimensão do fenômeno de erosão presente no local, em um espaço de tempo não superior 20 anos, causou sensações de medo ou fobia, insegurança, ou seja, foi vista como uma paisagem do medo, alimentada no imaginário a uma grande “ferida” da superfície ou relevo no local.

Por fim, vimos a riqueza do tema paisagem como uma inspiração poética, em que podemos afirmar que a paisagem não é tema simplório, mas complexo; está em aberto pela complexidade de reflexões de caráter de aplicabilidades no cotidiano da vida social. Para isto, é preciso explorá-la em termos da diversidade metodológica que a própria ciência geográfica oferece em seu campo de estudo.

Referências

- CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: BCD União Editoras, 1995.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EdUSP, 2006.

SILVA, Elias da. Abordando Araguaína (TO) sob a tríade: cidade, território e rede no Brasil. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. **Anais do VII CBG**. Vitória/ES, 10 a 14 de agosto de 2014.

SILVEIRA, M. C.B. **Herdeiros de Sísifo**: trabalho e trabalhadores no norte do antigo Goiás (1960-1975). Porto Alegre, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.